

ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU
EDIÇÃO Nº12 ABRIL DE 2006 - ANO 4

SELO

PROTONS

YEAH YEAH YEAHS
MARISA MONTE
MUNDO GEEK

Quer saber a verdade sobre o editorial desta edição? Eu nem ia escrever um. O Elefante Bu iria ser publicado com um grande branco nesta página porque a idéia não vinha (e ela continua a não existir). Sim, não é nada difícil apresentar pessoas bacanas aquelas que fazem o selo Protons, ou do trabalho legal que o Lulu Camargo fez e é pouco conhecido. É bom anunciar colaboradores estreantes, como é o caso da Giorgiana e da Camila. Falar do poema bonito que a Gizza nos presenteou. Mas tem momentos que a mente vira um branco, um zero, um nada, *zeppo*.

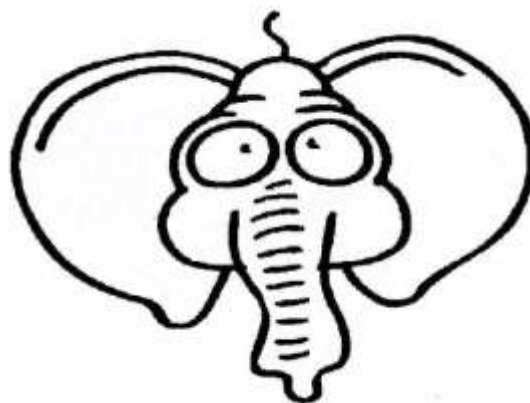
O que é um editorial afinal? É uma coisa também chamada de artigo de fundo que representa a opinião da publicação ou a apresentação da mesma. Mas opinião de quê. Política? Todo mundo que lê este zine sabe que sou anti-Lula. Esportes? Sou boa em falar de esportes, mas o assunto não cabe aqui. Dos assuntos da edição? Seria o ideal se a opinião já não estivesse lá, em cada um dos textos.

É uma maldade ter que escrever editoriais, sobretudo para quem foi responsável por cerca de 80% da edição. É como pedir para que o autor escreva o próprio prefácio de sua obra. O que ele poderia falar? "Ficou muito bom, leia e divirta-se. Depois manda um e-mail para que a gente possa discutir sobre alguns pontos do livro". Não é fácil.

Mas jornalistas não fazem isso? Sim! Só que se coloque no lugar do editor. Ele não faz matéria alguma. Sua função é coordenar a produção e a pauta de seus subordinados, escolher o que entra e o que sai e depois escolher algum assunto e escrever a respeito. E forma-se a opinião do jornal ou pelo menos do caderno do jornal em questão. Não é o caso aqui.

Acharia legal se tivesse um voluntário. Aquele que receberia o zine antes de todo mundo só para fazer um prefácio. Mas não tenho esse indivíduo.

Fica a minha promessa em me esforçar para que a próxima edição, programada para sair no fim de maio, possa ter um bom editorial no seu sentido mais clássico. Até lá.



ELEFANTE BU Nº 12

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS:

Djenane Arraes

REVISÃO:

Daniela Casarotto

FOTOCAPA:

Arquivo pessoal de Bianca Martim

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES:

As fotos usadas na matéria de capa foram fornecidas por Bianca Martim. Todas as outras fotos utilizadas foram de arquivos de divulgação.

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

Bianca Martim, Daniela Casarotto, Georgiana Calimeris, Gizza Machado, Fábio Carbone, Lulu Camargo, Camila Fernandes Pinheiro, Ricardo Moreira.

DISTRIBUIÇÃO:

De e-mail em e-mail.

E-MAIL:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

A versão "plugada" de *Amarte Duele*, da NLYLF é muito boa e ficou no topo da parada por aqui. Também a versão deles para *Piel Canela*, de Tin Tan. Aliás, a NLYLF é como se você ouvisse MPBPop do bom, só que em espanhol bem falado. *O Bonde do Dom e Universo ao meu redor*, da Marisa Monte. Muita música brasileira foi tocada durante a edição do zine: Elis e Tom, Clara Nunes, DEUS (leia-se Chico Buarque), Paulinho da Viola e Nara Leão. Também as músicas "especiais" do Pato Fu: *O Relógio*, *Se*

Capa

Selo Protons

Seções

Pato Fu

O Tango Asimov Fantástico
665 O Vizinho da Besta
Homenagem à Renato Russo

Discos

Marisa Monte

YYY

Bon Jovi

Filmes e Livros

Plano Perfeito

Catraca

O Guia

Poema

Crônica

Mundo Geek

Lost

O VIZINHO DA BESTA

Ano passado o guitarrista, compositor, produtor John Ulhôa colocou no ar junto com o músico e amigo Rubinho Troll o blog *665, o vizinho da besta*. É bem verdade que mal dá para entender a metade das mensagens publicadas, mas às vezes o leitor confuso é agraciado com alguns brindes. O melhor deles veio em forma de música. John e Rubinho, além do tecladista Lulu Camargo, disponibilizaram quatro versões da "música" (ou seria melhor chama-la de vinheta?) *Comichão*. A verdade é que elas só têm em comum o nome, porque uma não poderia ser mais diferente da outra. A versão do John é a mais pop, e tem uma guitarra que é a sua assinatura. Ao escutar a "zoeira" pela primeira vez, um fã do Pato Fu mais atento reconheceria o som com facilidade. "Aquilo tem um dedo do John", pensaria. Lulu Camargo fez duas faixas: uma calma, com som delicioso e que leva seus vocais; a outra é pauleira e parece trilha sonora de vídeo game, daquelas fases onde o personagem enfrenta o chefão. Ambas são excelentes, em especial a mais calma. Rubinho Troll colocou flautas e muitos barulhinhos em seu *Comichão*. É possível ouvir uma moeda a rodar, barulho de construção, de tiros (ou seria bombinhas?). Ele conseguiu um resultado interessante também. Confira o blog no endereço: 665ovizinhodabesta.blogspot.com e faça o download das vinhetas em 665.palcomp3.cifraclub.terra.com.br.



O TANGO ASIMOV FANTÁSTICO

Você conhece *O Tango Asimov Fantástico*? Não se trata de nenhuma companhia de teatro argentina e nem de uma iniciativa estranha de um maluco do sul do país. *O Tango* foi um projeto que o tecladista do Pato Fu, Lulu Camargo, lançou após sua saída do Karnak. "Ele nasceu um pouco como uma 'terapia'. Eu tinha saído do Karnak e não sabia que rumo musical tomar na minha vida, então comecei a escrever canções com letra, coisa que nunca tinha feito antes. Isso foi entre 2000 e 2001", disse Lulu.

Segundo o tecladista, *O Tango* foi basicamente um projeto de estúdio feito com participação dos músicos Thiago Chasserraux, Tuco Marcondes e João Erbeta. Apenas cem CD-Rs foram gravados e dois shows foram realizados em 2003. Neles, Lulu encarnou o astronauta Asimov (que vestia roupa de moletom com capuz branco). Junto com o guitarrista Tiago Cabral e o baterista Thiago Nistral, ele tocou canções lá do espaço. Para completar a trupe, havia ainda Bill Meireles, que teve a missão de elaborar as projeções nos shows. Bill foi o mesmo que trabalhou com o Pato Fu na turnê do Ruído Rosa, onde fazia as projeções sincronizadas com a batida dos instrumentos.

O Tango Asimov Fantástico acabou, mas ainda é possível conhecer este projeto na internet. São sete canções disponibilizadas no



site do músico (www.lulucamargo.com), que só foram postas lá graças ao pedido de uma amiga do músico (para a felicidade nossa). Seis são de autoria de Lulu Camargo, e a sétima é uma linda versão da música *Nave Errante*, de Guilherme Arantes. Para escutá-la, clique no astronauta no canto direito da página. Em tempos de Marcos Pontes, nunca uma canção foi tão apropriada. *O Tango Asimov Fantástico* é mesmo para viajar. O vocal do Lulu é todo com efeito. A sonoridade das canções é tranqüila, com exceção de *Cartografia* e *O mundo é muito grande*, que são mais pop/rock. A primeira é quase instrumental. A segunda tem o refrão que gruda. "O mundo é muito grande/ tanta coisa por fazer/ o mundo é muito grande/ tanta coisa... e eu só quero você". Escute com carinho a delicada *Não Funciona*.

Ainda no site é recomendável acessar o blog do Lulu Camargo, o Undesignio. Lá é possível baixar outras viagens sonoras do tecladista do Pato Fu. Vale a pena.

MAIS UMA PARA O RENATO

FOTO: BABALOO KID



Mais do mesmo! Não é uma referência à música da Legião Urbana e sim ao que foi a participação do casal Fernanda Takai e John Uihôa no show em homenagem a Renato Russo realizado pelo canal por assinatura Multishow. Os integrantes do Pato Fu tocaram *Eu Sei*, que é uma velha conhecida da banda. A música já ganhou versão moderninha, registro no disco *Televisão de Cachorro*, e vídeo clipe. O casal bem que poderia ter arriscado alguma outra música da Legião Urbana pra variar. *Eu Sei* na velha versão do Pato Fu faz parte do CD e do DVD lançado pelo Mutishow em homenagem à Renato Russo. Você pode curtir as boas interpretações de Vanessa da Mata, Nasi e Titãs; se surpreender com a interpretação de Chorão; apreciar ou detestar Dinho Ouro Preto; ou mesmo lamentar as performances sofríveis.



Bianca e Álvaro
comandam o Protons.

ATITUDE PUNK

E MUITO TRABALHO A FAZER

Sob a máxima punk “faça você mesmo”, o selo Protons, de Bianca Martim e Álvaro, coloca no mercado clássicos da música independente de Brasília, promove shows e procura fazer a diferença na cena musical da cidade. Em cinco anos de atividade, o selo lançou discos de bandas como Gramofocas, Bois de Gerião, Vernon Walters e Capotones.

Um festival importante que envolve música independente começou na cidade. Enquanto a organização corria para deixar tudo pronto para a entrada da primeira banda, vi duas pessoas conversando tranquilamente próximo a um espaço destinado à imprensa. Na mochila há pelo menos um equipamento eletrônico: uma câmera digital de filmar. E durante o festival encontrei essas mesmas pessoas circulando no local tirando fotos e/ou filmando alguns shows. Alguns meses depois estava em outro festival de mesma natureza na cidade, só que em proporções muito menores. Lá encontrei as mesmas duas pessoas com seus equipamentos eletrônicos e algo mais: uma barraquinha para venda de CDs de bandas cuja metade você nunca ouviu falar. Eles também me entregam uma propaganda de um show com três bandas que se realizaria na semana seguinte no mesmo local: o tradicional Teatro Sesc Garagem.

Em dez minutos de conversa descobri que aquelas duas figuras simpáticas eram na verdade Álvaro e Bianca, os donos do selo Protons. Numa feliz coincidência, semanas antes um ex-colaborador do então site Elefante Bu havia escrito um pequeno texto a respeito do site Protons que também funcionava como um selo.

As atividades do selo Protons começaram em 2001. Desde então já foram lançados oficialmente oito CDs. Mais dois estão a caminho. Trata-se do segundo disco da Bois de Gerião, *Nunca Mais Monotonia*, e o primeiro disco full da Pulso, banda de Álvaro e Bianca. O que chama a atenção do catálogo é a diversidade de estilos dentro do próprio catálogo. Todas as bandas são do rock, mas o trabalho de uma é totalmente diferente da outra. "Nós buscamos diversificar e tentamos fornecer estrutura para que bandas nas quais acreditamos possa atingir o máximo de seu potencial", disse Bianca. "Às vezes isso é menos do que o desejado, mas fazer o quê? Damos total liberdade para as bandas, seja na parte criativa como administrativa e tentamos interferir positivamente. Mas não gostamos de impor nossas idéias mesmo que sejam muito boas!".

Outra atividade do selo é a produção de pequenos shows em Brasília de bandas da cidade e de gente de outros estados. Eles já levaram à capital gente como Dead Fish e Wander Wildner. De acordo com Bianca, são realizados de cinco a dez shows por ano, com uma média de público de 300 pessoas. "Se dependesse só da nossa vontade, faríamos mais. Um dos maiores problemas que enfrentamos é que não temos um lugar fixo para esses shows. De 2001 pra cá fizemos shows em mais de dez lugares diferentes, uns legais, outros nem tanto. Ficamos um bom tempo trabalhando no SESC da 913 sul, e agora estamos muito na Zoonia Z (perto do Detran)."

E para complementar todas essas atividades, Bianca, Álvaro e colaboradores ainda prestam o serviço de divulgação dos eventos no site do selo (www.protons.com). São resenhas, entrevistas e todas as informações que precisar sobre as bandas.

QUATRO LANÇAMENTOS DE PESO



Gramofocas

É uma das bandas brasilienses que mais agrada o jornalista Fernando Rosa. O trio mistura punk com country, rockabilly, bebedeira e diversão.



Suíte Super Luxo

Surgiu a partir da antiga (e estranha) Megafone. É rock muito bem feito e o disco conseguiu boas críticas entre a mídia independente.



Jack Fluster

Uma das mais respeitadas bandas de hardcore melódico da região. Além de rodar o país, já se apresentaram no palco principal do festival Porão do Rock.



Bois de Gerião

Era considerada "a" banda da nova geração da cidade. Rock certeiro e ótimas letras. O primeiro disco lançado pelo Protons conseguiu ter alguma repercussão em todo país.

Elefante Bu - Por que vocês resolveram formar um selo em um mercado tão difícil e restrito que é o independente, e num local mais complicado ainda que é o Distrito Federal?

Bianca - Somos mais artistas do que "negociantes". Somos do punk rock, "do it yourself", sabe? Começamos um negócio na hora errada. Porque era a "hora errada"? Porque era a hora certa pra fazermos o que estávamos fazendo. Começamos lançando nossa banda (minha e do Álvaro) da época, e depois fomos percebendo que poderíamos ajudar mais alguém por já estarmos com a mão na massa, daí foi indo. A idéia sempre foi muito boa, utópica mesmo. Queríamos que todos crescessem juntos, com apoio mútuo. Sempre vimos boas bandas acabando por falta de estrutura, e o que fazemos permite com que as bandas possam existir por mais tempo, fazer mais coisas... não importa se somos nós contra o mundo. Vamos continuar fazendo o que acreditamos.

Elefante Bu - Existe uma expectativa de qual seria a próxima banda de Brasília a fazer sucesso ou pelo menos ter um reconhecimento maior no resto do país. Mas desde os Raimundos não aparece ninguém. Como vocês avaliam a qualidade e a situação das bandas atuais da cidade?

Bianca - Acho que hoje qualidade não é importante pra se fazer "sucesso", veja o Detonautas... (risos, muitos risos, gargalhadas até). Essa idéia de que vai chegar um cara no seu show com um contrato maravilhoso e fazer da sua banda um sucesso nacional já devia ter acabado. Quem se preocupa com isso está indo pelo caminho errado. Acho que têm muitas bandas com qualidade, mas poucas com uma boa mentalidade pra conseguir chegar ao que você chamou de sucesso. Ou são "espertinhos" demais, ou não são imbecis o bastante (risos). Gosto



quando uma banda vai do independente ao mainstream fazendo um trabalho de qualidade e sem "se vender", como o Dead Fish fez. Acho que se alguém que chegar a um dia fazer "sucesso" tem que saber que tem muito chão, muita ralação pela frente. Muita gente se perde nesse caminho. Porque, ou cresce um pouquinho e se acha o máximo, ou não tem consegue se manter no caminho. Se você quer ver quem vai estourar, tem que esperar!

Elefante Bu -Apesar do esforço de muita gente na cidade, por que o trabalho independente ainda é tão pouco visto em Brasília?

Bianca - Tem lugares que é pior. Acho que Brasília está na média. O motivo de não ser maior, é o mesmo de todos os independentes, eu acho. A falta de dinheiro pra trabalhar melhor as bandas... Fazer com que toque mais de uma vez. As pessoas em geral só se interessam por uma coisa que todo mundo se interessa, sabe? Só querem ouvir o que está todo mundo ouvindo... Só vão na festa que vai todo mundo... (risos).



Paralelo às atividades do selo Protons, Bianca e Álvaro se dedicam à banda Pulso, onde fazem o vocal e a guitarra, respectivamente. Completam a formação Ana (baixo) e Roberta (bateria). A Pulso começou em 2000, e o primeiro CD veio em 2002, sob tutela do selo Protons. O som é rock e traz em sua sonoridade influências como Pixies e Fugazi. O trabalho de estréia está caracterizado da seguinte maneira no release da Pulso: "O disco de estréia do Pulso alcança o tipo de efeito que poucos conseguem, que só existe em bandas absolutamente sinceras - a de passar a mensagem direto para o coração, deixando a idéia de cada música clara em qualquer idioma que o ouvido da pessoa tenha aprendido a compreender; músicas que, em vez de resumir idéias claras, concretas e específicas, são cosmopolitas e simbolizam sentimentos: alegria, mágoa, desavença, medo, encantamento, desamparo, esperança - uma lágrima, um sorriso..."

Elefante Bu - Falta profissionalismo na produção de eventos com bandas independentes na cidade?

Bianca - Muitas vezes sim. É difícil pra alguém que apenas produz um evento saber as necessidades de uma banda ou mesmo do público. A maioria das vezes os eventos são organizados por pessoas que tem banda, mesmo assim, falta um certo cuidado, uma certa atenção com os detalhes. Quando nós fazemos um evento, nos preocupamos tanto com as bandas quanto com cada uma das diferentes pessoas que estarão lá. Queremos que todos fiquem bem e aproveitem ao máximo aquele momento, mas as dificuldades são inúmeras, a começar pelo alto custo de tudo. Acho seria mais fácil ser profissional se tivesse mais dinheiro envolvido.

Elefante Bu - Qual foi o melhor e o pior show que vocês já produziram?

Bianca - Depende do ponto de vista, né? Vou citar alguns marcantes: Dead Fish no SESC (duas vezes), os festivais, as festas PROTONS foram divertidas... Os Piores: Jello Viagra (SP) no Mississipi Clube (na EPTG) que não rolou porque a banda acabou no dia anterior ao show; um do Sick Terror (SP) em Sobradinho que eles não vieram porque o show seria ao ar livre e tava chovendo horrores, Goiânia cancelou com eles e a gente achou melhor falar para não virem... Essas foram as grandes zicas. Não

gostamos muito do 'PROTONS para maiores' que fizemos no Gates porque bateu com outros eventos e foi meio vazio, nem eu fui! Apesar dos shows terem sido legais, Wander Wildner, Nervoso, Cascadura...

Elefante Bu - O legal é que além de ter shows, lançar discos, vender vários na loja virtual e nos shows, vocês ainda fazem o trabalho de fanzine, com resenhas de discos e shows. Todo esse material é exclusivo do site do Protons?

Bianca - Uma coisa foi puxando a outra. É tudo exclusivo sim. Gostaríamos de poder viabilizar mais resenhas, mais entrevistas, mais matérias. E, principalmente, gostaríamos de desenvolver as trocentas idéias que temos e não conseguimos por falta de dinheiro e paciência.

Elefante Bu - De todo o trabalho que vocês desenvolvem, qual a parte mais prazerosa?

Bianca - Tocar! Viajar! O resto é só treta. É legal receber os CDs também, vê-los pela primeira vez! Mais legal ainda é ver-los indo embora de casa, mas se fossem embora numa velocidade maior seria muito mais prazeroso. É legal quando um evento marca a vida de uma galera, e mesmo passado um ano a pessoa vem comentar como aquele dia foi legal. Tem muita coisa boa, mas ainda estamos na fase de fazer, de sujar as mãos. Vamos deixar pra curtir isso quando contarmos pros nossos netos.

A banda Pulso em ação



DELICADO, BREVE SENSACIONAL

E a melhor cantora de samba de todos os tempos está de volta. Depois do hiato de alguns anos, Marisa Monte volta com a obra-prima chamada *Universo ao Meu Redor*, e o passável muito bem-feito *Infinito Particular*. Ora, para quê falar de algo passável quando se está diante de um dos melhores discos brasileiros desta década? Que o Infinito ocupe muito bem as prateleiras das lojas e não torre a paciência de nós mortais ao ligarmos o rádio.

Universo é diferente. É aquele que soma, que fica para a história. Talvez o título deste texto seja o seu resumo. Delicado em todas as suas formas. Nas letras que trazem versos simples e gentis. Pequenos poemas feitos nas rodas de samba nos morros do Rio de Janeiro que se não fosse Marisa, a heroína, poderiam se perder com o tempo. "Quantas lágrimas de orvalho na roseira, todo mundo tem um canto de tristeza", diz a música título. *O Bonde do Dom*, aquela que já está no topo de todas as paradas radiofônicas nacionais, é seca em seu cavaquinho e na bateria, densa na orquestração, na interpretação compenetrada de Marisa e no longo refrão que parece uma prece. "É o bonde do Dom que me leva/ os anjos que me carregam/ os automóveis que me cercam/ os santos que me projetam/ nas asas do bem desse mundo/ carrego um quintal lá no fundo/ a água do mar me bebe/ a sede de ti prossegue". E como se não bastasse, é ainda capaz de fazer chorar.

Todo o disco segue uma coerência sonora dentro de influência óbvia de Paulinho da Viola. Samba é para dentro, para cantar a sua saudade, suas dores e belezas, baixinho. Nem mesmo a estranha *Statue of Liberty* estraga. Ela faz a quebra necessária no meio do disco para que ele não se torne



monótono. *Universo* se despede com *Vai Saber?*, que fala das dores do amor, tema tão recorrente no morro e nas obras dos grandes sambistas. É como um resumo de tudo.

A obra-prima é breve, passa depressa. As faixas fluem, dialogam umas com as outras, como se fossem atos de uma peça teatral envolvente. No final do espetáculo, o público fica surpreso por o tempo ter voado. E em seguida, os atores são aplaudidos de pé, e essa é a parte do sensacional.

Muito se disse e fez-se a respeito do samba nesta década. A maior parte promoveu tanta mistura que o descaracterizou. Houve até moleques arrogantes que estufaram o peito desafiando aquele que se atrevesse a lhes dizer do que era feito o samba, e no final das contas, fizeram algo parecido com uma rumba. Marisa Monte chegou com autoridade e disse que para modernizar o samba não era preciso muito. Um barulhinho aqui, outra pequena modernidade ali, mas apenas para preencher, para dar uma graça. A verdade é que para modernizar o samba só é preciso apresentá-lo às gerações futuras, preservá-lo, mantê-lo belo. O samba só precisa ser samba, porque o resto é pagode. Ave Marisa!



SHOW YOUR BONES

Yeah Yeah Yeahs

Depois que o Strokes começou a fazer sucesso em 2002, várias bandas de Nova York que tocavam rock cru e de garagem eram eleitas as salvadoras do gênero da semana. A Yeah Yeah Yeahs (YYY) foi uma dessas. Quatro anos depois e nenhum sucesso mundial na gaveta, o trio formado por Karen O, Nicolas Zinner e Brian Chase não foi o salvador do rock, afinal, mas eles continuaram a fazer música da boa. *Show Your Bones*, lançado em março passado, é uma boa prova que a YYY continua em forma no seu chamado "art-punk" com new wave, porém com o som bem mais polido e com mais violões. O disco foi colocado à disposição na rede pelo próprio trio. O primeiro single é *Gold Lion*, rock dos bons com guitarras vibrantes, mas que é feito para balançar a cabeça e não para dançar. Mostra também que os vocais esganiçados de Karen estão melhores que nunca. Para dançar, bom mesmo são as faixas *Honeybear*, *Cheated Heards*, *Dundley* e *Turn Into*, as mais oitentistas do disco. Movimento retro inglês? Eis um conceito que não se aplica ao YYY, uma vez que olhar para o passado sem soar saudosista é uma característica da banda. Mas se o negócio é zoeira, bom, todo o resto tem a sua dose.



HAVE A NICE DAY

Bon Jovi



O novo cd do Jon Bon Jovi, *Have a nice day*, traz músicas alto astral, daquelas que a gente deve ouvir quando a vida parece nos esmurrar com vários socos no estômago, quando tudo está arruinado. Para quem quer curtir apenas um bom som, é uma boa pedida e para quem gosta de letras que nos elevam como seres humanos, o CD agrada. Há também um toque de críticas aos comportamentos humanos e um ar de "não ligo para o que você diz". São composições que falam de superações e esperança como na segunda faixa, *I want to be loved*. Embora as músicas tragam uma mensagem positiva, não é de forma alguma ingênua. Elas trazem uma certa amargura com a vida, mas, falam exatamente de não deixar isto ficar no caminho como na última faixa *Story of my life*.

Neste trabalho, Bon Jovi traz maturidade com letras fortes e um som bem marcado em todas as canções. São músicas de pura reflexão dos momentos de vida de todos nós, como por exemplo na música *Welcome to wherever you are*, em que ele

canta do momento em que a vida parece ruir debaixo dos pés, mas, enfim, seja bem-vindo à sua vida e comece agora. Também tem uma auto-affirmação inteligente sem ser piegas. As composições lembram pessoas bem resolvidas, que já passaram por muita coisa ruim e que não precisam mais da aprovação de ninguém porque sabem o que são. É esta sensação que a faixa *Last man standing* passa, de segurança, de controle sobre si mesmo. Aliás, o CD todo tem esta temática. Então o melhor é colocar o som na caixa, deixar as músicas melodramáticas e soltar o corpo com Jon Bon Jovi. (Georgiana Calimeris)

Fala Galera,

O poema abaixo é um pedacinho da história que iremos contar através de um filme.

Ser apaixonada pela arte leva a gente a cometer loucuras!!!

É como sonhar acordado com os pés bem no chão...correndo em direção da chuva!!!

Muito Rock "n" Roollllll!

Um Big Beijo no Coração

Gizza Machado

Energia Positiva Sempre!!!

E-mail: gizza@gizza.com.br

PERDIDA EM MIM

EU ME PERCO,
EU ME ACHO,
NO BARULHO DA CHUVA.
MAS ONDE ESTÁ CHOVENDO?
QUEM SABE LÁ FORA,
QUEM SABE AQUI DENTRO,
OU DO OUTRO LADO DA PORTA.
MAS ONDE ESTÁ A CHAVE DESSA PORTA?
QUERO SAIR,
QUERO SENTIR A VIDA PULSAR,
QUERO ME MOLHAR NA CHUVA
E SENTIR A ÁGUA ENCHARCAR O MEU CORPO.
COM SUAS GOTAS DE AMOR,
COM SUAS GOTAS DE TERNURA,
COM SUAS GOTAS DE LIBERDADE...
MAS ONDE ESTÁ A MINHA LIBERDADE?
QUEM SABE? DO OUTRO LADO DA PORTA?
IMAGINO CADA GESTO, CADA CHEIRO
CADA GOSTO, DAQUELE DIA CHUVOSO.
INTENSO, LINDO, VERDADEIRO, MÁGICO,
ÚNICO...

QUERO SENTIR ESSE DIA
VERDADEIRAMENTE
NÃO QUERO SÓ IMAGINAR...
QUERO VIVER ESSE MOMENTO
ONDE ESCONDI A CHAVE DA
PORTA?
CHUVA NÃO PÁRA...QUERO ME
MOLHAR...
O VENTO BALANÇA MEUS CABELOS
VERMELHOS,
O AR SE TORNA LEVE COMO UMA
PLUMA,
MEU CORAÇÃO DISPARA
LABAREDAS DE FOGO.
QUANDO PERCEBO...
A PORTA ESTÁ ABERTA.



A ARTE DE PENSAR

(para as paredes?)

Georgiana Calimeris

Ano passado, fui assistir aula em uma faculdade particular do Planalto Central. Estava de carona com um amigo que faz Jornalismo e ia ter que esperar. Por meses, eu o ouvi reclamar do nível intelectual de seus colegas, que, claro, pagam a faculdade com o devido esforço, ou melhor, pagam a prestação do seu diploma. Enfim, eu achava um exagero desbaratado as reclamações do nobre amigo. Afinal, eu também estudei em uma faculdade particular e meus colegas eram inteligentes, cultos e questionadores.

Quão não foi meu susto ao perceber que a faculdade era apenas uma grande extensão do estudo secundarista. O vocabulário dos jovens jornalistas era arrasador e havia pouco ou nenhum questionamento. Afinal, o que importa é a nota e não o ato final de pensar, conversar, argumentar, discutir e, por fim, defender a matéria com unhas e dentes. Pobre da alma que usa cérebro que tem, passa a ser perseguido por ser inteligente demais e é tachado de arrogante justamente por ter ralado a bunda na cadeira na tentativa de se tornar gente, de aprender a língua para se expressar adequadamente.

Há também os professores que preferem manter seus alunos na santa ignorância a ter aqueles que fustigam e buscam elaborar textos que visam não só passar a notícia adequada mente mas também o de levar o leitor a questionar e pensar por si mesmo.

O que assusta, de verdade, é que estes estudantes de hoje podem vir a ser os futuros formadores de opinião e por não terem sido instigados a pensar adequadamente, continuarão a perpetrar o esquema escolar, porque, não posso chamar o que há hoje como faculdade de terceiro grau.

As pessoas estão preguiçosas para questionar e pensar por si próprias, seja devido a vida corrida ou ao cotidiano devastador. No entanto, permanecer neste estado catatônico fará com que voltemos às origens símias, onde não havia a necessidade de pensar por si próprio, mas, aceitar o líder como deus supremo, papel exercido pela mídia.

O jeito para quem ainda gosta de usar a massa cinzenta é pensar para as paredes e, de vez em quando, entre amigos, exercitar o poder de argumentação para não passar por arrogante ou sabe-tudo!



X

UM BOM ASSALTO SE FAZ COM ÓTIMOS ATORES e um grande diretor

Plano Perfeito (*Inside Man*, EUA, 2006) Longe de ser um de seus clássicos, *Plano Perfeito* trouxe um Spike Lee engajado num entretenimento mais comercial. E não é que ele acertou dessa vez? Na pele de um detetive policial, Denzel Washington, deve perseguir e prender um inteligente assaltante a bancos, que acaba executando seu “plano perfeito”, o que faz com que reféns, em tese, tenham suas vidas em risco e sejam todos considerados suspeitos. O filme tem uma história pra contar, mas o maior prazer vem de suas atuações, especialmente das três principais. Em clima de tensão constante, descobrir quem são os assaltantes, ou salvar os reféns é mais um detalhe da trama, visto que a nuvem de corrupção envolta à investigação torna-se maior e mais poderosa que a necessidade de encontrar um culpado. Empolgante e inteligente, o filme é a demonstração de que grandes cineastas podem injetar personalidade em suas produções. Marcas registradas do diretor estão presentes, que integram alguns comentários sobre o racha social e o preconceito velado na sociedade norte-americana (quem souber procurar vai encontrá-los). Spike Lee honra a tradição das melhores produções do gênero ao fazer um dos grandes filmes do primeiro semestre de 2006. (Camila Fernandes Pinheiro)



O GOSTO DO AZEDO

do orgasmo, e da cerveja, e da saliva...



Ao ler *Catraca*, terceiro livro de Alex Luiz, fica difícil saber que raio de gênero literário ele pertence. Não é um romance (e isso é óbvio), muito menos contos. Também não são crônicas, pois esses são textos sobre o cotidiano que tem relação com o jornalismo. Não é bem o caso aqui. Penso que *Catraca* é um livro de poemas em prosa. O que Alex Luiz escreveu em *Catraca* foram impressões sobre o eu interior numa linguagem poética. Cada texto do livro é cru, ácido, pessimista e naturalista. É como se o autor tivesse lido toda a obra do pré-moderno Augusto dos Anjos para se inspirar.

“... Me dê o gosto de um orgasmo, que eu te explico o gosto de uma capacidade orgásmica de se ter um. Gosto amargo que dá dor de cabeça como uma cerveja vagabunda. Mas bebo, sorvo toda a poluição impoluta de sua essência num gole só. Gole único. E onipresente. Que deixa minha garganta úmida de rancor, rancor esse que junto às minhas secreções biológicas; chamo hoje de saliva...”. No livro, o que poderia ser erótico em outras obras, aqui é tratado como reações comuns, inerentes ao corpo humano. Nada além disso. Viver preso em tantos pensamentos profundos sobre o cotidiano e sobre si mesmo deve ser muito ruim. *Catraca* não é um livro fácil de gostar, apesar da leitura fluente. Mas agrada em cheio aos bichos-grilo.

O MISTÉRIO DO GRUPO DHARMA

e porque o avião da Oceanic caiu?

(este texto pode conter spoilers)

A verdade é... que ninguém (a não ser os criadores) sabe que raios é exatamente o grupo Dharma e nem se o avião da Oceanic que levava os personagens do seriado *Lost* caiu por uma razão nebulosa. E a cada episódio que passa, mais questionamentos são feitos e poucas respostas são dadas. Desde Arquivo X não se via um seriado de televisão que pudesse gerar tantas teorias.

Em *Lost*, pouco mais de 40 sobreviveram ao voo 815 da Oceanic. Desses, pelo menos 16, contando as duas temporadas, são considerados principais. Dois morreram e dois estão desaparecidos no momento. Cada episódio mostra um pouco da vida dos personagens principais antes do acidente. Todos esses *flashbacks* possuem informações fundamentais para montar o quebra-cabeça do seriado. Os dois principais homens da ilha são: Jack Shepard e John Locke. O primeiro é o médico e líder em que todos confiam. É um homem cético que crê apenas no que seus olhos mostram. John personaliza o oposto de Jack. Ele é um homem de fé e acredita que há um propósito por trás de tudo. Se as pessoas estão naquela ilha é porque precisam desempenhar um papel. Jack é um sujeito compromissado que costuma agir por impulso, enquanto John calcula cada passo. Contudo, por sua crença nas pessoas, John também pode ser considerado ingênuo.

As outras pessoas fortes da ilha são a fugitiva e líder entre as mulheres, Kate Austin, e o ex-soldado iraquiano Sayid. Quem também começa a adquirir poder de decisão é a ex-policia Ana Lúcia. O restante dos sobreviventes, e não menos importantes na história, são o ex-roqueiro Charlie, a recém-mãe Clarie, o casal coreano Jin e Sun, o sinistro Mr. Eko, e o simpático Hurley. Como não poderia ser diferente há na ilha o anti-herói manipulador canalha James "Sawyer".

A primeira temporada era quase mística. Os "losties" se deparavam com bizarrices como um monstro que derrubava árvores, um urso polar e o mistério das outras pessoas, aparentemente hostis, que habitavam a ilha. Havia também a questão dos chamados números malditos (4, 8, 15, 16, 23, 42). Na internet há páginas e páginas sobre eles. Na primeira temporada a soma deles correspondia ao número de passageiros no voo e também os minutos que o astronauta Yuri Gagarin precisou para dar uma volta na Terra. A recompensa pela captura de Kate era de 23 mil dólares, também era o número da poltrona que Jack sentou no avião e o portão de embarque no aeroporto.

Na segunda temporada sabe-se que a seqüência dos números é um código que precisa ser



digitado num computador démodé a cada 108 minutos para impedir sabe-se lá o quê. Apareceu também uma fumaça negra que parece ter consciência própria. Ela, aparentemente, teme Mr. Eko. Muitos dos personagens se revelaram na medida que algumas respostas eram respondidas e fatos novos foram surgindo. Os flashbacks passaram a estabelecer conexões entre eles.

Enquanto isso o público continua a queimar massa cinzenta na esperança de desvendar do que se trata toda a trama. Os criadores J.J Abrams, Jeffrey Lieber e Damon Lindelof prepararam o seriado para durar cinco temporadas, podendo ser estendido por mais quatro caso seja necessário (ou seja, caso a audiência continue em alta, assim como o endereço dos anunciantes). Até lá, muita gente vai sofrer de ansiedade à espera do novo episódio da próxima semana.

Vale muito à pena assistir *Lost*. Se você não tem TV a Cabo e não quer esperar até o ano que vem para saber o que vai acontecer na segunda temporada nas madrugadas da rede Globo, aí uma boa dica: e-mule pesquisar rasipii (ou *Lost* legendado) vídeos, e aí é só partir para o abraço.